

# O APAGAMENTO DO “R” FINAL EM VERBOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO DAS INFLUÊNCIAS DO CONTATO ENTRE LÍNGUAS

OLIVEIRA, Ívia Maily Santos de.  
ivinha\_maily@hotmail.com

OLIVEIRA, Samantha Andrade de.  
samanthaandrade\_@hotmail.com

RAMOS, Ana Carolina de Jesus.  
ana\_carollin@hotmail.com

ABREU, Ricardo Nascimento. (Orientador)

Licenciado em Letras-Português/Inglês-UNIT; Especialização em Linguística Textual-UFRJ; Mestre em Educação-UNIT; Doutorando em Linguística Histórica - UFBA.  
tennascimento@gmail.com

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar a origem da tendência do apagamento do “r” final nos verbos do português do Brasil. Através da sociolinguística e das teorias defendidas por Naro (teoria da deriva secular), Guy (teoria da criouliização) e Lucchesi (teoria da transmissão linguística irregular), mostraremos como se deu esse processo e até que ponto essa influência afeta a variação e a mudança nos falares brasileiros. O estudo referido é um trabalho bibliográfico e referencial, que visa esclarecer se as influências sofridas pela língua portuguesa através do contato massivo com línguas indígenas e africanas, desde o período da colonização até os dias atuais, afetaram o que tratamos como objeto de estudo neste artigo. As orientações aqui apresentadas baseiam-se em conceitos pré-estabelecidos e corroborados por grandes estudiosos da Sociolinguística, ciência essa que estuda justamente os fatores que norteiam as teorias que explicarão essa tendência proposta pelo artigo.

**Palavras - chave:** Sociolinguística. Teorias. Tendência.

## ABSTRACT

This paper aims to identify the origin of the trend of erasing the "r" verbs end in Brazilian Portuguese. Through sociolinguistics and theories advocated by Naro (theory of the secular drift), Guy (theory of creolisation) and Lucchesi (theory of linguistics irregular transmission), we show how this process took place and how far this influence affects the variation and change in Brazilians speak. The study referred to is a bibliographic and reference work, seeking to clarify whether the influences hit the English language through massive contact with indigenous languages and African, from the period of colonization to the present day, affect how we deal with the object of study in this article . The guidelines presented here are based on pre-established concepts and supported by major scholars of Sociolinguistics, who studies science that precisely the factors that guide the theories that explain this trend proposed by the article.

**Keywords:** Sociolinguistics. Theories. Trend.

## INTRODUÇÃO

Além de ser veículo direto da comunicação, a fala diferencia os indivíduos e os insere em grupos distintos, de acordo com a linguagem que utilizam. A fala funciona, então, como um código, uma espécie de identificador, que nos permite saber a nacionalidade de um indivíduo, a que região pertence, seu poder aquisitivo, seu grau de instrução e, até mesmo, seu sexo e faixa etária.

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua. O que é interessante é justamente a diversidade, que não é exclusividade apenas de uma língua, mas comum a todas elas. Dessa forma, num mesmo território, temos uma unidade

lingüística, mas também temos vários falares regionais, sendo que tais variações não comprometem seriamente o entendimento entre os falantes.

Sabemos que o Brasil, a exemplo, é um país de pluralismo étnico e cultural, dada a diversidade de etnias que o colonizaram. Esse pluralismo é o responsável pela enorme diferença em diversos aspectos tal qual o lingüístico. Devido à forte influência das línguas africanas, em Salvador (capital colonial do Brasil), observa-se a entoação descendente, como também o uso de vogais abertas e supressão do “r” final das palavras. Esse falar é desprestigiado, em outras áreas do país, por ser considerado característico de pessoas caipiras ou de baixo nível de escolaridade. Essas variações eram vistas antes como forma vulgarizada de fala, já que sofreram influências indígenas e africanas. Até quase a metade do século XVIII, a língua predominante no Brasil era a indígena, surgindo em 1530 a prática escravista e, com isso, mais “misturas” como já presente no “falar português”.

Dessa forma, torna-se praticamente impossível realizar um estudo completo dessas variações, resultantes do falar que aqui no Brasil já existia e dos vários falares “importados”. A tentativa de homogeneizar o português, falado no Brasil, em direção a um padrão só ocorreu, de fato, nos últimos dois séculos, apesar de ainda hoje existirem tantas variações. Tais variações são mais marcantes entre falantes com diferenças sócio-econômico-culturais que entre falantes de regiões diversas, ressaltando que também existem variações regionais. Lucchesi (1994, 1998, 2001, 2002 e 2004), mostrou as bases para uma idéia polarizada da sociolingüística do Brasil, evidenciando o fato de que, desde o começo da colonização até a Proclamação da República, enquanto uma minoria elitista concentrada nos pequenos centros urbanos guardava uma fidelidade aos modelos de uso da língua oriundos de Portugal, nas grandes terras do interior do Brasil, grande parte de negros africanos adquiriam a língua portuguesa em condições precárias; e essa língua ia de transformando em modelo para a oficialização do português entre os descendentes mestiços desses segmentos, provocando enormes alterações na gramática da língua portuguesa.

Tomemos como referência a distribuição do “r”, que apresenta várias possibilidades de pronúncia, a depender da região em questão, como o “r” rolado dos gaúchos e paulistas, ou até a aspiração ou ausência do “r” nos infinitivos.

Esse processo de apagamento do “r” final nos infinitivos é considerado ascendente e foi usado por Gil Vicente, em suas peças, para caracterização do falar dos negros. Hoje, seu uso foi popularizado, não sendo restrito à nenhuma classe, raça ou sexo, embora as mulheres jovens, segundo pesquisas, se mostrem mais adeptas à mudança na língua, já considerada inovadora.

O apagamento não constitui uma ameaça à língua portuguesa. Tais mudanças são apenas reflexos de vários contatos culturais, que aconteceram no passado e que ainda ocorrem hoje. Muitas mudanças ainda surgirão, considerando a evolução lingüística como um processo ainda presente no nosso português.

## **ABRINDO OS CAMINHOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dentro da sociedade, o ser necessita de comunicação para manter as suas relações. A fala, linguagem oral, é a mais utilizada dentre todos os tipos de comunicação.

A vida do ser humano em sociedade não seria possível sem sistemas de signos que permitissem a comunicação. A ciência da lingüística começou a se desenvolver quando os homens começaram a fazer perguntas sobre a linguagem que embasava sua civilização.

Segundo Fiorin (2007), Lingüística é a “ciência que estuda a linguagem verbal humana, e baseia-se em observações conduzidas através de métodos, com fundamentação em uma teoria.”. E o objetivo da Lingüística é justamente descobrir como a língua funciona, estudando empiricamente as mais variadas formas em que ela se apresenta.

A preocupação da Lingüística é sempre buscar teorias que expliquem os fenômenos lingüísticos universais, ou seja, fazer com que todas as suas proposições englobem aspectos mundiais, tornando seus estudos ilimitados geograficamente.

Pode-se dizer, então, que a Lingüística engloba todo e qualquer fenômeno existente na língua, seja ela falada ou escrita. Mas acreditar que somente a Lingüística seja responsável por tais estudos seria como se nós disséssemos que um clínico geral é capaz de conhecer todos os tipos de doenças e curá-las. Parece uma comparação meio absurda, mas na verdade serve pra mostrar que foi necessário criar “campos” de estudos especializados para abordar, de uma forma mais específica, cada área referente à Lingüística.

Os estudos lingüísticos saussurianos são a prova de que sem uma ciência direcionada, em alguns momentos, aspectos de extrema importância para a língua seriam deixados de lado.

Acreditar que a língua é invariável e homogênea foi uma das idéias sugeridas por Ferdinand Saussure, no período em que foram iniciados os estudos lingüísticos. Não aceitar as variações existentes no mundo inteiro, e tampouco considerar que a língua sofre influência em determinadas regiões e em outras não, era como se alguns falantes fossem excluídos da

realidade lingüística mundial. E ainda pior, acreditar que não existia variação, e que a mudança que ocorria na língua era fruto do próprio tempo.

A característica do estruturalismo, baseado na visão de Saussure, centrou-se nas regras e nas convenções subjacentes que permitiam a língua operar: qual a lógica que permeia por detrás da fala das pessoas. Ao analisar a dimensão social ou coletiva da língua, ele introduziu e promoveu o estudo da gramática. Para facilitar o entendimento do estudo da linguagem separou-a em *langue* (língua, o sistema formal da linguagem que governa os eventos da fala) e *parole* (palavra propriamente dita, o discurso, ou os eventos da fala). Saussure interessou-se na infra-estrutura da língua, aquilo que é comum a todos os falantes e que funciona em um nível inconsciente. Seus estudos concentraram-se nas estruturas mais profundas da língua, mais do que nos fenômenos de superfície, não fazendo nenhuma referência à evolução histórica dos idiomas. Saussure sabia que apesar do desenvolvimento dos seus estudos lingüísticos, a possibilidade de tal ocorrência (estudo interno na língua), era pouco provável, visto que a sociedade influenciava diretamente na fala. Fazia-se necessário descartar algumas hipóteses lógicas como a coexistência entre duas formas e o porquê da mudança, para que os estudos estruturalistas pudessem ter seguimento.

Labov entende a transição como uma estruturação necessária para o funcionamento da língua. Como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda? Denominam esse período de fase de menor sistematicidade. Contudo, um mesmo falante usa ora uma forma, ora outra, sem se ater ao fato de que a língua está mudando. Nesse momento da transição, uma forma alternativa passa a ser utilizada em alguns contextos, até ser fundamental em todos e tornar a outra menos usual.

A transição ocorre na gramática, sendo transmitida na comunidade como um todo. A diferença, conforme Labov, está no fato de se considerar regra variável ou invariável as regras lingüísticas e sociais, que levam a um ou outro uso.

Esses fatores entram como ferramenta básica para explicar o mecanismo da mudança. Enquanto a língua muda, não há nenhum problema de comunicação, então, a sistematicidade não é perdida. Mas deve haver algo que justifique a mudança.

A partir daí a transição passa a ser o principal objeto de estudo da diacronia e sincronia, desenvolvida por Saussure.

Séculos se passaram, e alguns estudiosos resolveram comprovar que tais afirmações eram um tanto quanto inaceitáveis. Eis que são criadas então as ramificações dos Estudos Lingüísticos, as chamadas ciências paralelas. Existe a Psicolingüística – relação entre a linguagem e a mente; Etnolingüística – relação entre a linguagem e a cultura (erudição) e

por fim, porém não menos importante, a Sociolingüística – que estuda a relação entre a língua e a sociedade.

Contrariando a concepção de língua como sistema homogêneo e autônomo que se impõe unicamente a todos os falantes da comunidade lingüística sem distinção, surge a Sociolingüística. Esse conceito permite superar a diferença entre sincronia e diacronia, no sentido que havia adquirido no estruturalismo, já que análise sincrônica se fundamenta no conceito de língua como um sistema de regras variáveis, no qual um gradativo processo de variação e mudança age na estrutura lingüística.

E partindo desse princípio escolhemos como base para os nossos trabalhos tal área da lingüística, pois a partir dela levaremos em consideração a influência da sociedade e do contato entre as demais línguas no decorrer do processo de formação lingüística de cada região.

Os estudos relacionados ao nosso objeto de estudo – tendência do apagamento do “r” final nos falares brasileiros, contato entre línguas – parte dos princípios elaborados pela Sociolingüística, tomando como base algumas pressuposições que a Lingüística estabeleceu. Explicaremos as teorias que norteiam os sociolingüísticos e a importância de cada um deles no nosso trabalho.

Poderíamos falar também sobre algumas outras supostas teorias sociolingüística, mas apenas as três citadas possuem embasamento teórico para serem mencionadas no presente trabalho.

## **A SOCIOLINGÜÍSTICA**

Ramo da Lingüística que é responsável pelos estudos da língua, levando em consideração os aspectos sociais, como região, sexo, raça, escolaridade, faixa etária, poder aquisitivo como também todos os processos e fatores que possam influenciar ativamente na língua.

Rompendo com os modelos estruturalistas (que acreditavam que a língua independia da fala), a sociolingüística vem mostrar que nenhum sistema de fala pode ser considerado homogêneo e invariável, ao contrário, mostra que a língua só existe em consequência dos seus falantes e suas variantes.

Através dos padrões de comportamento lingüísticos notáveis dentro da comunidade de fala (variedade lingüística), ela os formaliza por meio de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis.

Esse modelo tem por objetivo responder à principal questão relacionada à mudança lingüística, a partir de dois princípios teóricos essenciais: a) o sistema lingüístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar completamente as suas funções, rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; b) os processos de mudança que são verificados em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento dentro dos padrões de comportamento lingüístico, observados em uma determinada comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (Labov, 1966, 1972, 1974, 1982 e 1994, e Labov, Herzog e Weinreich 1968).

Partindo desse princípio, podemos designar a sociolingüística como teoria variacionista sistemática e afirmar que a heterogeneidade é o norteador dos seus objetos de estudo. Para a Sociolingüística, toda língua apresenta variação, que é essencialmente um incentivador de mudanças. Como a mudança é lenta e gradativa, é necessário, portanto, que passe primeiro por uma fase de transição em que exista variação, para depois ocorrer a mudança.

A sociolingüística “demonstra que a mudança não é apenas uma função do sistema lingüístico, mas uma função de interação da estrutura interna da língua com o processo social que ela realiza” (LUCCHESI, op.cit. p.200), sendo assim conforme o estudo sociolingüístico, as relações sócio-políticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade da fala, é quem determina tais, possíveis, mudanças.

Assim como algumas outras ciências, a sociolingüística possui três teorias importantes. São elas: a teoria da deriva secular – defendida por Anthony Naro, a teoria da crioulização – difundida por Gregory Guy e a teoria da transmissão lingüística irregular – criada por Dante Lucchesi. Veremos, detalhadamente, cada uma dessas teorias adiante.

Cada teoria apresenta uma explicação diferenciada para o modo em que a transmissão lingüística ocorreu no Brasil, levando em conta algumas considerações e estudos anteriores e descartando outros. A sociolingüística tem como desafio, no Brasil, provar, por uma dessas teorias a origem do português brasileiro, especificar e sistematizar as influências e alterações ocorridas no decorrer do processo.

## TEORIAS DA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para entendermos os processos de formação do português brasileiro é necessário mergulhar nas explicações de três teorias que são os pilares da crioulistica. É necessário compreender que apesar de possuírem ideais um tanto quanto diferenciados, todas buscam esclarecer as brechas e enfatizar os fatos que sirvam de explicação para a origem das variações e assimilações incorporadas na língua. A eterna discussão entre Naro, Guy e Lucchesi, mostra a importância que cada uma delas tem para o campo da sociolinguística, e veremos isso a seguir.

### **Teoria da Deriva Secular da Língua**

A mudança linguística na perspectiva de Sapir (idealizador da deriva secular) é proporcionada pela deriva da língua. “A deriva de uma língua consta da seleção inconsciente feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial” (SAPIR, 1921: 124). Com essa definição podemos entender que, a deriva da língua é autônoma, ou seja, não é determinada por fatores externos, visto que o falante ‘inconscientemente’ a escolhe.

Naro (1993) diverge da teoria da crioulistica, alegando a falta de registros de crioulos portugueses no Brasil e criando uma visão que acredita nas mudanças ocorridas no português brasileiro como consequência da deriva secular já pré-definida na língua existente em Portugal, sendo que o contato com as línguas africanas valeria apenas para a aceleração dessas tendências estruturais

Supomos então que a língua segue uma trajetória, não previsível no tempo, numa estrutura pendular e não retilínea, ou seja, esses movimentos são comparados com movimentos de um barco: a língua vai, encontra-se com outra língua, e volta ao seu lugar de origem, aproveitando somente aquilo que lhe é pertinente dentro dos seus paradigmas internos. E como seria então esse contato entre línguas? Para Naro, esse contato era feito a partir da trajetória semelhante, da estrutura interna da língua.

Diante disso, a heterogeneidade da língua continua existindo para a hipótese da deriva secular, porém a teoria de que influências externas são fundamentais para a mudança na estrutura da língua, cai por terra. A deriva natural é a tendência que a língua tome uma

determinada direção, isto é, evolua naturalmente no sentido de tendências pré-existentes no seu sistema interno.

### **Teoria da Crioulização**

Para se entender como o contato com milhões de falantes africanos afetou o desenvolvimento histórico do português do Brasil, é preciso se ter maior clareza acerca das situações sociolingüísticas que resultam da integração desses milhões de falantes na comunidade de fala brasileira e do tipo de mudança que esse processo produziu na estrutura das línguas que viriam se impor nessa situação de contato: o português. Nesse sentido, duas questões se impõem: de um lado, é preciso definir os fatores sociolingüísticos que não permitiram a estabilização de uma língua crioula de base lexical portuguesa no Brasil, já que, em princípio o contexto sócio-histórico da formação do português do Brasil seria bastante favorável ao desenvolvimento de processos de crioulização (cf. Guy, 1981)

Guy, afirma que houve uma forte influência crioula na língua, porém uma ruptura brusca, o que fez com que as línguas africanas existentes no Brasil ficassem fragmentadas. Porém por possuírem traços bastante marcantes, algumas dessa co-existência crioula junto ao português do Brasil permaneceram influenciando até os dias atuais nos falares do povo brasileiro.

Tal suposição possui grande credibilidade, pelo fato de ser um estudo desenvolvido especificamente para o Brasil, ou seja, partiu do particular para o geral e não o contrário, como acontece com algumas suposições sociolingüísticas.

### **Teoria da Transmissão Lingüística Irregular**

O conceito de transmissão lingüística irregular é usado para designar os processos históricos de mudança lingüística provenientes do contato massivo e prolongado entre línguas. Nesse processo, Lucchesi (2000, p.99) afirma que a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos.

Conforme Lucchesi (2000, p. 117), os falantes das línguas dominadas empregam seus esforços para aprender a língua dos dominadores, porém, dada a transmissão geracional (de geração) de uma que não se trata língua nativa, a língua é aprendida por meio do que se

conhece e não de forma sistematizada, caracterizando assim a transmissão lingüística irregular.

Lucchesi mostra que ao contrário do que Guy preceitua, ocorreu uma leve criouliização e um processo lento de descrioulização, tornando prolongado o contato entre as línguas africanas e o português do Brasil e fazendo com que a frequência fosse intermitente, até o momento da “separação” desse contato; o que mostra que foi suficiente para que alguns traços fossem deixados até os nossos dias.

Prorrogando o contato entre essas línguas, essa variedade da língua falada como segunda língua pelos indivíduos dos grupos dominados, por ser socialmente mais viável, vai pouco a pouco assumindo novas funções de interação lingüística, ao tempo em que se vai convertendo em modelo para a aquisição da língua materna dos descendentes dos falantes das outras línguas. À medida que o primitivo código de comunicação é incapaz de atender às demandas decorrentes de sua expansão, é preciso que haja também um improvisamento da estrutura gramatical desse código.

No processo de transmissão lingüística irregular mais leve, como os ocorridos na história das variedades populares do português do Brasil (transmissão lingüística irregular), esses processos seriam menos radicais, ocorrendo mais a variação nos padrões de uso desses elementos gramaticais, do que mudanças completas na estrutura da língua.

## **CONTEXTO HISTÓRICO**

Com a colonização, em 1530, havia no território brasileiro cerca de um milhão e meio de índios. Já no primeiro momento de colonização, esse número foi drasticamente reduzido (genocídio das populações indígenas da costa brasileira) do Rio de Janeiro até Pernambuco. Entretanto, casamentos entre portugueses e índios tornaram-se cada vez mais frequentes, e os filhos, nascidos dessas uniões, formaram uma sociedade mestiça, cujos membros eram chamados mamelucos. A língua familiar falada pelas mulheres e crianças indígenas era uma língua de base tupi, chamada de língua geral. Apenas uma reduzida parcela de homens portugueses, ligados à administração colonial, dominava plenamente a língua portuguesa. As crianças só aprendiam o português quando tinham oportunidade de frequentar

a escola. A língua geral predominou na sociedade paulista até o século XVII e deixou marcas permanentes na toponímia do nosso país (Morumbi, Anhangabaú, Anhangüera, Ibirapuera, Araraquara, Tatuapé, Aracaju, Itabaiana etc.).

Contudo, no final do século XVI, iniciou-se a prática escravista, e os negros começaram a ser trazidos do continente africano para trabalharem nas grandes plantações de cana-de-açúcar. A mão-de-obra africana funcionou como base dos ciclos econômicos no período colonial e no Império: tanto do ciclo da cana-de-açúcar, quanto no ciclo do ouro (séc. XVIII) e o no ciclo do café (séc. XIX). Em 300 anos de tráfico, foram trazidos para o Brasil cerca de quatro milhões de africanos, os quais falavam cerca de 200 línguas diferentes. Os negros escravizados eram capturados basicamente em duas regiões da África. Na primeira região, predominavam os falantes das línguas iorubá, ewe e fon; na segunda, os falantes das línguas banto, principalmente o quimbundo, além do quicongo e o umbundo.

Se até o século XIX o português tinha de conviver, muitas vezes em situação de inferioridade, com as línguas indígenas e africanas, aos poucos o colonizador foi impondo a sua língua, usando de prestígio social e poder econômico, sem deixar de fazer uso de práticas violentas e repressivas à religião, à cultura e, principalmente, à língua dos povos dominados. Em 1757, o Marquês de Pombal decreta proibido o uso da língua geral no Brasil, afirmando que tal prática poderia levar à ruína o idioma e o domínio colonial. Os escravos africanos, então, foram propositadamente misturados para que não pudessem comunicar-se em suas línguas nativas e, com isso, tramar rebeliões.

Com a desarticulação das redes sociais e familiares dos africanos durante a escravidão e a força da repressão à sua cultura, a língua africana foi deixando de ser falada e, aos poucos, foi desaparecendo. Sobreviveram apenas algumas palavras, a maioria de origem banto, que se restringem às áreas em que a influência negra foi maior: a culinária e a religião - abará e acarajé, orixá, axé e Iemanjá (de origem iorubá); e, claro, à escravidão - senzala, mucama, mocambo e quilombo (de origem banto).

Sendo os falantes das línguas banto os mais representativos durante o período escravista, são dessas línguas as poucas palavras que integram hoje o nosso vocabulário básico.

## AFRICANIZAÇÃO

As línguas africanas encontraram-se introduzidas no Brasil em um quadro heterogêneo, no qual os novos contatos lingüísticos com o português, as línguas indígenas e outras línguas africanas aconteceram de forma diversificada, em épocas distintas e em diferentes ambientes. A história das línguas africanas no Brasil, contada por significativos e também escassos documentos, torna claro um processo de transformação que atingiu não uma só a língua em sua evolução, mas abalou o uso das línguas africanas faladas nas regiões economicamente mais desenvolvidas de cada ciclo histórico, nas quais a importância demográfica do negro escravo era maior.

Os africanismos são termos ou expressões de uso coloquial resultantes do contato do português com uma língua africana, ocorridos na África, em Portugal ou no Brasil. A junção desses termos ao português aconteceu em épocas diferentes: alguns se integraram antes da escravidão brasileira e podem ser considerados como empréstimos. Esses empréstimos tornaram-se necessários frente a uma necessidade comunicativa e refletem um encontro cultural. Algumas peculiaridades fonológicas, a exemplo da extensão do padrão silábico CV e outros traços morfossintáticos, como a marcação de pluralidade apenas no primeiro elemento do sintagma nominal, a dupla negação, o monomorfismo pronominal e certas construções ativas de sentido passivo, têm sido apontadas como transferências do substrato lingüístico africano no processo de aquisição do português do Brasil.

Em 1933, duas obras, “A influência africana do português do Brasil” de Renato Mendonça e “O elemento afro-negro na língua portuguesa” de Jacques Raimundo, introduzem o debate sobre a presença africana no português do Brasil. Tais relatos traçam o itinerário de origem dos africanos que pra cá foram trazidos, de origem banta e sudanesa, e apresentam uma relação de modificações que consideraram de origem africana no português brasileiro. Embora sejam divergentes em alguns tópicos de suas obras, ambos chegam à conclusão de que a maior parte dos aspectos característicos do português brasileiro são provenientes da influência das línguas africanas, principalmente o quimbundo e o Iorubá.

A influência africana será novamente tratada por duas obras interessadas na caracterização do português brasileiro: a primeira, publicada em 1946, “A língua do Brasil”, de Gladstone Chaves de Melo e “Introdução ao estudo da língua portuguesa do Brasil”, de Serafim da Silva Neto (1963 [1950]), às quais tivemos acesso. Tendo por base uma formação

lingüística sólida, esses autores realizaram objetivamente uma análise interna da língua. As evidências encontradas por Silva Neto e Melo destacam a unidade cultural de lingüística luso-brasileira em decorrência da concepção de língua como reflexo e expressão da cultura. Melo resume a nova ordem:

Verdade é que os elementos portugueses da nossa cultura foram elaborados, caldeados com os elementos indígenas e negro-africanos, tendo havido, mais modernamente influências de fatores outros. Mas é muito certo também que o elemento português prevaleceu, dando a nota mais sensível de europeísmo à nossa cultura. (MELO, Gladstone Chaves de. 1975.)

Ele ainda critica a visão pouco objetiva de outros autores, salientando que alguns fatos lingüísticos do português brasileiro apresentados como fruto da influência africana poderiam ser explicados pela própria deriva secular da língua. Admite, no entanto, que a influência mais profunda das línguas africanas se faz sentir “na morfologia, na simplificação e redução das flexões de plural e das formas verbais na fala popular. (queda do “R” final em verbos).

Considera que a influência africana seja mais profunda que a do Tupi, embora ressalte também que a contribuição africana no léxico foi menos extensa do que a indígena, reconhece, ainda, terem existido duas línguas gerais de negros no Brasil, de acordo com a procedência desses: o nagô ou Iorubá na Bahia (referem-se à religião e à música), e o quimbundo (mais antigo, têm uma distribuição mais abrangente) em outras regiões. Serafim da Silva Neto, na segunda edição de sua obra, objetiva-se a desenvolver um estudo apoiado na etnografia e história social do povo brasileiro.

Silva Neto afirma que “não há influências de línguas africanas ou ameríndias no português brasileiro; há resquícios, que tenderiam a diluir-se em favor da língua portuguesa, ideal de todos os que desejassem ascender às classes sociais mais elevadas” (1936, p.107-108). Ele ainda ressalta que o “tipo de linguagem” depende da composição demográfica da região e do acesso à escola. Tem-se que a influência africana se exerceu por “ação urbana” e por “ação rural” nas áreas onde houve grande concentração de mão-de-obra escrava. Melo e Silva Neto discordam da influência africana, sem, contudo, contestá-la; reduzem-na à uma contribuição passiva, que não chegou a alterar o caráter da língua portuguesa no Brasil.

No entanto, a influência africana no léxico é a mais forte evidência de que realmente existiu um contato lingüístico e cultural entre o português brasileiro e o africano. Tal influência foi apontada primeiramente como traço particular ao português brasileiro, como brasileirismo.

## O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Após quatro séculos em contato direto e permanente com os falantes africanos, o português do Brasil, diferente do português de Portugal e descontadas as influências indígenas menos extensas e mais localizadas em algumas regiões, provém de um movimento de africanização do português e do aportuguesamento da língua africana.

Essa reciprocidade lingüística, apoiada em fatores sócio- históricos e culturais favoráveis, foi certamente facilitada pela relativa proximidade de estruturação lingüística do português europeu com as línguas africanas, que o fizeram mestiço.

A maior contribuição da língua africana em nosso português foi, além das modificações no léxico, a sonoridade da nossa fala. As línguas africanas que nos influenciaram são todas muito melodiosas e vocálicas.

Dentre algumas semelhanças, temos o esquema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o ô, u) e o modelo de estrutura silábica ideal (CV.CV - consoante vogal/consoante vogal), no qual observa-se a preservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona. Esse tipo de proximidade casual certamente possibilitou a continuidade prosódica da base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-se do português de Portugal, que é de pronúncia muito mais consonantal. (ex: português brasileiro - **p**ineu, **ad**ivogado, **ri**timo. português de Portugal - **p**neu, **ad**vogado, **ri**tmo).

Em relação ao ensurdecimento do “R” final dos verbos, alguns lingüistas atribuem tal apagamento à influência crioula, enquanto outros pregam que o fato ocorre por tendência evolutiva das línguas de origem românica. Conforme Melo, a tendência do falante brasileiro em omitir as consoantes finais das palavras ou transformá-las em vogais, (falá, dizê, Brasiu) coincide com a estrutura silábica das palavras em banto e em iorubá, que nunca terminam em consoante. Isso atesta a teoria de alguns lingüistas defensores da Crioulização da língua. Contudo, também há comprovações de que as reduções são fatos comuns no latim e nas línguas românicas. Segundo Callou, “a língua francesa já cancelou o uso do “R” de seus infinitivos há algum tempo”. Aliás, Em Portugal, existem registros, num dialeto interamnense, desse enfraquecimento do “R” final. Tanto nesse dialeto como em nosso falar popular percebemos que tal apagamento se dá sempre que a palavra seguinte inicia-se com consoante. Ex: Vá brincá mais! (Vá brincar mais!).

A variação do “R” ocorre como vibrante alveolar ou uvular, fricativa velar, aspiração o zero. Tal variação é observada em muitas outras línguas e espelha um processo de posteriorização do ponto de articulação, acompanhado da perda da consoante.

Tal apagamento, dentro do português brasileiro, não ocorre somente em verbos de primeira conjugação, sendo seu ensurdecimento comum a todos os infinitivos e em algumas palavras. Geralmente a supressão do “R” ocorre quase que exclusivamente no final das palavras, mas também pode ocorrer no meio da palavra, quando esta recebe o sufixo. Ex: “flôzinha”, “amôzinho” etc.

A queda é baixa em palavras monossilábicas e, preferencialmente, apaga-se o “R” em posição não acentuada; é mais comum falarmos “açúca do que “calô”.

O apagamento do “R” em final de palavras faz-se mais importante em não verbos do que em verbos. Com isso, constatamos que o fator dialetal é o condicionador da variação em não-verbos, enquanto que nos verbos, a variação é motivada por fatores lingüísticos.

Observa-se que a supressão no final das palavras ocorre preferencialmente entre os falantes de baixa escolaridade (Ensino Fundamental incompleto – ex: “revóvi”, “cadávi”), entretanto a influência da fala “comunitária” freqüentemente faz com que falantes com alto grau de escolarização também apresentem tal tendência. É muito comum que pessoas graduadas mantenham o hábito de suprimir o “R” final, principalmente quando falam em situações informais.

Tal fato acontece mais freqüentemente na fala dos jovens, diminuindo gradativamente ao passar pelas outras faixas etárias (adultos em idade mais madura e idosos), evidenciando que o apagamento é um processo de mudança em progresso. Em relação ao sexo, o homem, ao amadurecer, não conserva o seu falar de antes e nem tampouco costuma adotar o padrão projetado para a faixa etária subsequente, o que torna difícil interpretar se estamos diante de um padrão de mudança geracional ou de gradação etária. Igualmente ocorre com o sexo feminino; a exceção são os mais idosos, que se mantêm estáveis. Esse comportamento poderia ser explicado pelo fato de os mais idosos, algumas vezes, não terem participação ativa nos processos de mudança ocorridos à sua volta.

O apagamento do segmento nos infinitivos dos verbos é o fenômeno mais marcante do português brasileiro. A supressão não é vista hoje como uma pronúncia estigmatizada, correspondendo a uma nova norma introduzida no falar da comunidade.

Além do apagamento do “R”, Vemos também a semivocalização do L palatal (LH em nossa grafia), que observamos na linguagem popular de certas regiões brasileiras, em

zonas mais africanizadas: muié por mulher; fio por filho etc. Também observamos a evolução do ND por N, nos gerúndios: Ex: brincano (brincando), comeno (comendo), olhano (olhando).

Essas diferenças, portanto, legitimaram-se na fala regional, devendo ser respeitadas por falantes de outras regiões que, certamente, também apresentam suas particularidades.

## **CONTEXTUALIZANDO**

Uma nação apresenta diversos traços de identificação, e um deles é a língua. Esta pode variar de acordo com alguns fatores, tais como o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se manifesta verbalmente.

Ao trabalhar com o conceito de variação lingüística, mostramos que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresentam de maneira uniforme em todo o território brasileiro; a variação lingüística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem, ela se dá em função do emissor e em função do receptor; que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua; que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso lingüisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade lingüística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de tal ou tal variedade é a situação concreta de comunicação e a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização aí estarão presentes de maneira indiscutível.

Tratando-se de uma mudança lingüística, ela acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivo. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala.

Já a variação geográfica ou diatópica trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. Dentro de uma comunidade mais ampla, formam-se comunidades linguísticas menores em torno de centros polarizadores da cultura, política e economia, que acabam por definir os padrões lingüísticos utilizados na região de sua influência. As diferenças lingüísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo com as fronteiras geográficas.

Existe uma outra categoria de variação, a diastrática, que agrupa alguns fatores de diversidade: o nível sócio-econômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo; o grau de educação; o uso de certas variantes pode indicar qual o nível sócio-econômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido atingir o padrão de maior prestígio.

A tarefa de descrever a língua padrão é, particularmente no Brasil, uma tarefa múltipla, pois, não há um padrão lingüístico, mas vários.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que a supressão do “R” final nos falares brasileiros é fruto do contato entre as línguas africanas e o português europeu.

Da transmissão lingüística irregular, mais forte no Brasil, deduzimos que existiu um contato massivo entre as línguas africanas e brasileira, porém nada muito documentado. Sabemos que o contato entre o português do Brasil e as línguas africanas foi um fator essencial para a variação existente na fala até aos dias atuais.

E a deriva secular mostra que, apesar de todos os contatos existentes entre africanos e brasileiros, só foi possível existir uma influência nos falares devido à compatibilidade da estrutura interna das duas línguas.

Levando-se em conta que o nosso português não é um bloco uniforme, mas uma mistura coletiva que podemos desmembrar em vários níveis, considerando as ocasiões, as regiões, as classes sociais, o sexo e a escolaridade, a herança da língua africana está totalmente incorporada ao nosso sistema lingüístico, segundo os níveis de linguagem socioculturais, diferente do português de Portugal, antigo e regional, que foi africanizado por uma longa convivência.

A aceitação ou resistência diante dessas influências recíprocas é questão de ordem sociocultural, e os graus de mestiçagem lingüística normalmente coincidem, quase sempre, com os levantes biológicos de mestiçagem que ocorrem em nosso país. Contestar ou atestar uma suposta teoria a respeito da origem crioula ou à teoria da evolução natural da língua é impasse recorrente na pauta de alguns lingüistas e filólogos já há algum tempo. O caso de uma língua transplantada que entra em contato com várias outras línguas, como o português europeu no Brasil, já levantou intermináveis questões para as quais muitos estudiosos da língua já tentaram encontrar resposta. Muito já foi estudado e escrito sobre a constituição do português brasileiro e suas diferenças em relação ao português europeu, entretanto não se chegou ainda a uma resposta definitiva; a discussão continua em aberto.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. Rio de Janeiro: Parábola, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Biblioteca Central da UFBA, 2006.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NETO, Serafim da Silva. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. Salvador: Parábola, 2001.